

DIAGRAMAS PARA UM CURRÍCULO-VIDA

DIAGRAMS FOR A CURRICULUM-LIFE

Antonio Carlos Rodrigues de Amorim 1

Resumo: O artigo busca conversações entre os conceitos do campo dos estudos curriculares e da filosofia das diferenças, particularmente de Gilles Deleuze, a fim de estender pensamentos heterogêneos que se distribuem por correlações entre escritas, imagens e afecções no encontro com a educação escolar. Compõe-se de registros de diferentes pesquisas acadêmicas que desejam para o currículo um plano de sensação, um movimento estético não-representacional, um deslocamento de seu estilo discursivo. Compromete-se, politicamente, com o devir e com o virtual, e adentra no universo escolar, por seus fragmentos visuais e de escritas de experiências (de) formação à espera dos acontecimentos. Argumenta por um currículo-texto-escrita-vida que seja diagramático, potências de liberação da vida em sujeitos, objetos, conhecimentos e suas multiplicidades de interação. Reposiciona, assim, a centralidade das discussões sobre culturas, identidades e sujeitos humanos nas teorias e práticas curriculares.

Palavras-chave: Currículo. Vida. Escrita. Filosofia da diferença.

Abstract: The paper puts conversations between concepts in the field of curricular studies and the philosophy of differences, particularly by Gilles Deleuze, in order to extend heterogeneous thoughts that are distributed by correlations between writings, images and affections in the encounter with school education. It is composed of records from different academic researches that wish for the curriculum a plan of sensation, a non-representational aesthetic movement, a displacement of its discursive style. It is committed, politically, to the becoming and to the virtual, and enters the school universe, for its visual fragments and writings of experiences of teacher (dis) education waiting for the events. It argues for a curriculum-text-writing-life that is diagrammatic, powers of liberation the life in the subjects, objects, knowledge and their multiplicities of inter-action. Thus, repositioning the centrality of discussions about cultures, identities and human subjects into the curricular theories and practices.

Keywords: Curriculum. Life. Writing. Philosophy of difference.

Primeiras Notas

Neste artigo, buscarei argumentar a partir de diálogo com conceitos teóricos tanto do campo de estudos curriculares, quanto da filosofia deleuziana das diferenças, que as relações entre currículo, cultura e escola poderiam se estender em outros planos de pensamento, a partir de encadeamento de outros possíveis que não os da insistência em lógicas da representação, dentro das quais as identidades, os sujeitos (orgânicos e humanos) e os discursos são alguns dos pontos-chave.

Organizado em seções que são interrompidas por *Intermezzos*, o artigo articula forma e conteúdo, texturizando os argumentos em composições heterogêneas que se comunicam entre si e que visam gerar conexões em multiplicidades. Cada ponto de interrupção, os *Intermezzos*, são o motivo para uma nova face de um currículo retornar à visibilidade da sua percepção, e ganhar distintas velocidades conceituais, estéticas e práticas.

Reposiciona os lugares da escola nos atravessamentos culturais e sociais, chamando a atenção para um currículo que pode sonhar, imaginar, escrever e inventar vidas outras.

Currículo, escrita e vida

Um currículo, assim como a escrita, não nasce, ele brota entremeadado de germinações variadas, estendendo-se em superfícies abarrotadas de linhas soltas, laços frouxos e pontos em insinuantes devires. “A escrita é inseparável do devir” (DELEUZE, 2011, p. 11).

Um currículo é potência que brota sempre de um afirmar, muitas vezes de até mesmo uma negação, contra combate que traz alegria, uma exigência da vida contra aqueles que a mortificam e a mutilam. É o clamor à escola de se recordar da alegria na vida, e que ela, a alegria, está de acordo com a natureza de todos os modos, já que o que é próprio de sua essência é o aumento de potência, não a diminuição. “A dificuldade para conquistar as paixões alegres e, a partir delas, chegar às alegrias ativas, em outras palavras, a dificuldade de sair da situação de heteronomia, não deve levar nem à condenação moral dos que perecem nesta luta, nem ao esmorecimento.” (SILVA, 2007. p. 207).

Por isso, o currículo, o texto, a escrita, são uma luta vital. Perecer na assinatura de um autor, de um signo próprio, de identidade e de unidade, é abissal.

O currículo-texto-escrita é heterônomo, pois problematizaria (ou ao menos pode ganhar tal intensidade de) as questões relativas à soberania do sujeito e as das filosofias da identidade e da contradição. Linhas alternativas à proposta de um sujeito como vontade autônoma e a intersubjetividade como reconhecimento recíproco de liberdades fundada na vontade autônoma do sujeito.

O currículo em suas textualidades e escritas merece ser olhado como um espaço tempo de efetuação de outros possíveis que não perpetuem a reprodução, o ideal do mesmo e a tomada de posição frente à vida a partir de ideias moralizantes, intolerantes e universais. Haveria espaço para uma transição entre o currículo territorializante, aquele que finca os pés novamente em certos tipos de delimitação e margens, para o currículo aberrante?

Teríamos que apostar que o currículo-texto-escrita será um sem-fundo, sempre maquinando, com elementos moleculares¹ que o povoam e de onde “emergem todos os movimentos aberrantes ou revolucionários do desejo” (LAPOUJADE, 2015. p. 190).

Os movimentos aberrantes são um tipo de risco que somos impelidos a assumir ao embarcarmos em linhas de fuga, que podem trazer tanto a afirmação quanto a negação da vida. Esses movimentos que expressam a vitalidade dos pensamentos são, simultânea e correspondentemente sua morte, uma suspensão de seus expressivos e significantes.

Esses movimentos aberrantes não são de natureza empírica, ligados à experiência ou qualquer vivência, contudo, e por isso mesmo, são imprescindíveis para fazer morrer em nós, ou numa coletividade social, “o que não é necessário para as potências da vida” (LAPOUJADE,

¹ A nível molar, se fixam as organizações, as carências e as metas, a força imperativa da lei e a formação da soberania que a produziu, enquanto que ao nível molecular se atinge um sem-fundo (...) que por mais fugidio que seja, pode constituir uma linha de fuga, esquite ínfima ou transudação capilar, desde que tenha, porém, a força de segui-la e de se desprender das territorialidades edípianas: o plano de natureza (LAPOUJADE, 2015. p. 190).

2015. p. 22). A vida, como confirmam os movimentos aberrantes, não se restringe a produzir organismos, tampouco se limita à forma orgânica. Esses movimentos atestam uma força inorgânica da vida que atravessa o organismo vivo indiferente a sua integridade. Esses são questionamentos frontais à centralidade das identidades, que reafirmam a organicidade dos corpos, sua materialidade biológica e hereditária, nas apropriações de discussões culturais que se aproximam do campo de estudos curriculares. Criando, por exemplo, os pontos de vista sobre etnia, gênero, sexualidade, classe social etc., como pontos cegos em um tipo de quadro cujas visualidades acabam se movimentando pouco, reincidindo nos lugares já postos. Embora relevante para abrir o campo do currículo às diferenças e às diversidades, tais perspectivas culturalistas acabaram reconduzindo as discussões sobre sujeitos, conhecimento e transformação social para matizes críticas, muitas vezes, inclusive, conservadoras. Operam na linguagem desde dentro dos jogos de representação social e cultural, voltando-se para dentro da estrutura discursiva, da língua e da afirmação. Quase sem escape, sem fuga aos modos estriantes de se pensar a escola e suas potencialidades.

Por vias alternativas, o currículo-texto-escrita-vida, uma das possibilidades de a língua agir sobre o mundo, tenderia para o seu fora, que age no mais íntimo da língua, desarticulando sua sintaxe e a liberando de suas regras gramaticais.

Assim como a língua tende a perder sua sintaxe e sua gramática (expressão) em benefício de linhas contínuas, também os corpos tendem a perder seus contornos e suas formas (conteúdo) a se desorganizarem (...) É que a língua não se remete mais a corpos exteriores organizados, mas a variações intensivas que passam por entre esses corpos ou aos graus de potência que eles envolvem (LAPOUJADE, 2015. p. 223-224).

Para alguns autores brasileiros do campo de estudos curriculares, o currículo é uma prática discursiva, pois “trata-se de um discurso produzido na interseção entre diferentes discursos sociais e culturais que, ao mesmo tempo, reitera sentidos postos por tais discursos e os recria” (LOPES e MACEDO, 2011. p. 41).

Bem como pode ser compreendido como um reencontro com o roteiro de transcrição das práticas pedagógicas que “apresenta a possibilidade para o professor conferir um novo sentido à teoria, indagar o porquê da constituição de sua prática docente, a sua publicação produz a turbulência que a prática, a teoria e o método reanimam, a cada letra lida e escrita” (CORAZZA, 2018. p. 17).

Também é um tipo de inscrição do que pode um corpo, de que ele é capaz, até que ele faça alguma coisa, até que ele faça alguma coisa a outro ou até que outro lhe faça alguma coisa (TADEU, 2002). Para este autor, tal dimensão do currículo-texto muda tudo na pedagogia. Mudam as perguntas e mudam as respostas. Muda o problema.

Não se trata mais de saber o que um currículo, considerado como objeto, faz a um educando, considerado como sujeito. Nem quais são os saberes que constituem um currículo. Nem quais os sujeitos ou as subjetividades que se formam ou desenvolvem por meio de um currículo. Somem o sujeito e o objeto. Nada disso importa. Como problema, bem entendido. Não se trata mais da questão da formação ou do desenvolvimento de um corpo - o do saber-objeto ou o do educando-sujeito. (TADEU, 2002. p. 54)

Nas três dimensões anteriores, discurso, trans criação e inscrição do que pode um corpo, o currículo-texto-escrita-vida pode se constituir como liberdades fora da centralidade no humano, pois sobre todo e qualquer texto pairam nuvens de outros dizeres, outras nomea-

ções, outras corporeidades, o outrem do próprio texto, aquilo que o desencadeia das lógicas de sua representação formal e estrutural.

Partir um currículo-texto-escrita-vida é tarefa da imaginação, da abertura aos mundos das coisas não ditas ou esboçadas em letras, palavras, frases e linguagem. A experiência do fora pode ser interpretada como uma das formas possíveis de resistência, como luta da escrita menor desde dentro da sua manifestação maior, das minorias contra a maioria, das pequenas tribos contra o Estado.

Tal aposta, que parece ser mais arrojada do que o que um currículo escolar pode representar, encontra ressonâncias naquilo que bem assinala Corazza (2012), qual seja que não há currículo que não acabe se distanciando da ciência oficial e do aparelho de Estado, em seus consensos sobre estratos, classes, espécies, modelos. Nenhum, que não redistribua os dados, force novos lances, relance teses alegres e livres.

E a autora segue nos inspirando, provocando que, do ponto de vista da educação formal,

não há currículo que não considere a realidade, senão como interpretativa ou perspectivista. Nenhum, que não minorize currículos majoritários, calcados na opinião e no senso comum. Não há currículo que apenas aplique a teoria à prática ou vice-versa. Nenhum, que se contente com o vazio da compreensão especulativa. Não há currículo que não tenha intuições. Não há currículo que ignore que grande parte das coisas não merece ser dita nem escrita. Nenhum, que não ria, especialmente de si mesmo. Não há currículo que não sofra as vicissitudes de sua concepção, os devires de sua gestação e as dores do seu vir à luz. Nenhum que não saiba que vai morrer e que outros currículos advirão justamente da sua morte. (CORAZZA, 2012. p.2 e 3).

Ou seja, o currículo é simultaneamente liberdade e vontade de significar vida em cada palavra, um texto que transcorre, híbrido e sem forma plausível; é face e sem contorno identificado, é monstro e sem ferocidade do espanto, é íntimo e sem a inadequada moralidade do distanciamento, é veloz e sem o tempo para nossa conversação desinteressada. Mais que enunciação, o texto age e encena. Performance de sujeitos e objetos e seres indefinidos por conjecturas e justaposições.

Um currículo-texto-escrita-vida acontece.

Os currículos-textos-escritas-vida afetam-se, tal qual os conceitos de uma filosofia que faz a vida ficar interessada e interessante de seguir sendo vivida, na pulsão de deslocamentos, agindo com e entre fragmentos.

São um vitalismo de toda criação, segundo Corazza (2012). Vontade criadora de tudo o que é vivo. Força de vida imanente a todas as coisas. Pulsação vital.

Relações de força que se exercem sobre linhas de vida e de morte, que se dobram e desdobram para traçar o limite do pensamento: “vitalismo sob fundo de mortalismo”. Linha afetiva, atlética, cheia de desvios, nunca reta, que atravessa a concretude dos organismos e da biosfera (...). Energia afirmativa de experimentação. Potência anorgânica, como a de um bebê, que pode existir numa linha de música, de desenho, de escrita (CORAZZA, 2012. p. 01)

Este vitalismo do resistir é percepção de que o intolerável da vida está presente no Brasil e em outros países da América Latina, como nunca e que, por isso, é preciso liberar outros possíveis para a vida acontecer.

É preciso fazer o múltiplo. O pensamento de Deleuze é para a vida, é para levar para a vida, é para a vida que se leva, é para levar uma vida. Imperativos que não são da “ordem do

juízo moral que separa o bem do mal, nem tampouco critérios de uma razão crítica que separa as proposições verdadeiras das falsas. Trata-se sempre, em todas as variantes, de um apelo a se prestar atenção nas multiplicidades” (TADEU, CORAZZA e ZORDAN, 2004. p. 84)

Não multiplicidades que sejam imaginadas a priori e que, assim sendo, nossos desejos apenas as efetivariam e logo seriam capturadas por maquinarias de controle do desejo, do corpo, da liberdade, que nos têm como alvo.

O que se busca é um currículo-texto-escrita-vida que coagule possibilidades que são inauguradas no próprio processo de mutação, de invenção, de experimentação, planos e linhas para serem habitadas por povos outros.

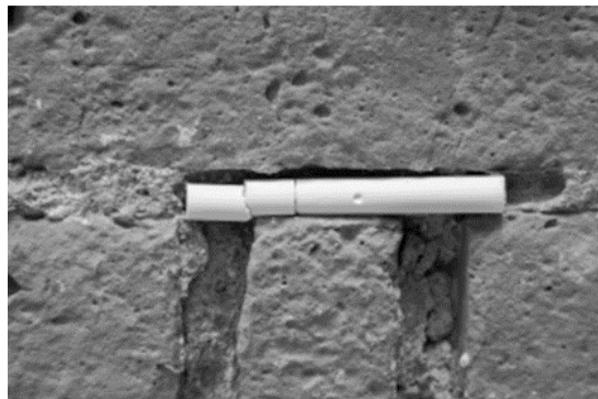
Intermezzo I - Da Ausência e seus Resíduos



Fonte: Cinthia Marcelle (1974).

Um das principais características de seu trabalho artístico são as coincidências e simultaneidades, que não são percebidas no nosso cotidiano. São repetições que questionam o tempo, o uso do espaço e as suas formas de apropriação.

‘Sobre este mesmo mundo’, lousa e giz, 120 × 840 × 8 cm, 2010. Obra exposta na 29ª Bienal de São Paulo questiona o tempo do saber e seus resíduos, representados pelo pó de giz e seus resquícios no quadro negro que logo serão esquecidos e levados como poeira. A artista retorna ao giz na obra ‘Educação pela Pedra’, uma instalação que preenche as paredes de tijolos com giz.



EDUCAÇÃO
PELA PEDRA
Cinthia
Marcelle

Fonte: Cinthia Marcelle (1974).

Segundo a artista: um quadro negro traz os vestígios de exercícios e palavras apagadas, enquanto diante dele veem-se montanhas de pó de giz lembrando tudo o que já foi escrito. “É como se a muralha da linguagem, todos esses códigos através do qual nos relacionamos com a realidade, estivesse desmoronado”, diz Cinthia. Além da escrita, e aqui literalmente.

A artista ressignifica objetos cotidianos, e com eles lança outros olhares para indagar a realidade e as possibilidades de a narrarmos. O quê, um simples giz branco de quadro negro, presente na grande maioria das escolas pode nos dizer além do óbvio? Poderíamos atribuir novos significados a outros objetos comuns de uma escola? Que outros olhares inesperados podem ser lançados à própria escola e seus habitantes?

Um tempo como uma ampulheta, que se concretiza em pó. O giz apagado é acumulação, mas também é conhecimento esquecido. É resíduo dos ensinamentos. É o impalpável quantitativo que não pode ser visto.

É como se a artista desse uma dimensão quantitativa a algo que não é quantitativo. O pó de giz dá forma ao invisível, que é o conhecimento. O congelamento do tempo. O tempo passado reverbera como conhecimento e, como toda ampulheta, pode retornar.

Dá forma para o invisível. Uma espécie de pausa reflexiva.

Currículo e formas de se inscrever no real

A pergunta para o campo de estudos curriculares aproxima-se de discussões sobre novas formas de viver, existir e de gerar atos criativos em um mundo pautado na virtualidade, na compressão temporal, nos movimentos nômades.

Requer uma escrita que seja um “agenciamento com multiplicidade intensiva de que se compõe aquela metade do mundo que é puro movimento, puro devir, puro fluir” (TADEU, CORAZZA e ZORDAN, 2004. p. 129).

Há, então, uma subjetividade do currículo, seus atos desejantes, suas formas de (des)figurar. Um quadro negro com o pó de giz acumulado ao chão. Uma instalação em que pedaços de giz se colam nos entremeios de uma parede de tijolos. Essas são possíveis imagens para o que denomino de subjetividade do currículo.

Encontro tais subjetividades nas pesquisas² que venho realizando a partir do diálogo com obras artísticas, em sua ampla gama de compreensão, e no caso de minhas pesquisas particularmente as produções (áudio)visuais. Aposto intensamente na direção de discutir política e arte, por vias diferentes das que atualmente se configuram como tradições do campo do

² Projetos de pesquisa X, Y Z, financiados por agências A, B, C – não foram ainda nomeados para garantir o anonimato.

currículo no Brasil, e que particularmente reforçam as relações de poder e de endereçamento entre discurso, identidade, diferença e crítica.

O cinema, a fotografia, as instalações artísticas e a literatura entram em sintonia, crítica na maior parte das vezes, com os sintomas globais, porém em intensidades variadas e diferentes das teorizações da educação e/ou das nossas possibilidades de “compreender a realidade”. Na negativa de serem representação de realidade, mas criarem artificios, mundos à parte do real, as noções de ficção, verdade e imaginação são as forças conceituais para um outro pensamento que busco tecer em minhas recentes pesquisas (AUTOR, 2016, 2017, 2018)

Nesse sentido, a subjetividade do currículo é também assim indicada: “ela é subtrativa, ela subtrai da coisa o que não lhe interessa. Mas, inversamente, é preciso nesse caso que a própria coisa se apresente em si como uma percepção, e como uma percepção completa, imediata, difusa” (DELEUZE, 2009, p. 104). Em um plano de imobilidade, frente à completude difusa, é com a expressão – referência à ação ‘menos’ prática – que as qualidades do currículo encontram-se como simples tendência agitando um elemento imóvel.

Tomando a posição de um certo tipo de sujeito da ficção, o currículo tem suas duas faces-limites, perceptiva e ativa. “Há também o entre dois. A afecção é aquilo que ocupa o intervalo, aquilo que o ocupa sem o encher ou o tapar. Ela surge no centro da indeterminação, isto é, no sujeito, entre uma percepção sob certos aspectos perturbante e uma ação hesitante” (DELEUZE, 2009, p. 106). Elemento imóvel, marcado pela coincidência do sujeito e do objeto numa qualidade pura, o currículo absorve um movimento de nomeação, ao invés de refleti-lo; percebe-se a si mesmo, e faz a experiência de si ou se sente de dentro.

Ora, tanta nomeação ao currículo refere-se a um movimento da qualidade como estado vivido. Como pensar passando para uma proposição deleuziana de experiência como algo que subsiste ou que é considerada como já dada em um estado não-representável, num estado virtual³? Para tanto, importa a relação entre unidade e multiplicidade, e a proposição de que qualquer unificação ou totalização da experiência é apresentada como sendo um fragmento no meio de tantos outros, como se passássemos uma vassoura espalhando-os.

O devir está entre duas multiplicidades onde uma não se torna a outra. É como uma linha que passa entre dois pontos distintos e que não é constituído por esses. Como focos de luz que se cruzam. Há apenas a desterritorialização. A linha que separa a bipolaridade, como o hoje e o amanhã, o aqui e o lá, o antes e o depois, aparece como uma terceira parte e se constitui o devir-outro. Há então uma zona de indiscernibilidade onde as três partes se encontram.

Como as multiplicidades do fora e do dentro, onde um não é a rejeição do outro e sim coexistem em uma relação, em uma dinâmica. O dentro é a dobra do fora. Essa subjetividade do currículo é assim produzida, é a interiorização do fora, é o encontrar o outro dentro de si próprio. As coisas se tornam outras continuamente. O devir-outro são eventos experienciais da vida, os devires múltiplos acontecem no meio.

Recordo-me de um conjunto de máscaras de papel que foram observadas por nós em um projeto de pesquisa desenvolvido em escola pública para crianças pequenas. O jogo entre imagens e conceitos pensados este encontro com as máscaras de papel apostou “no devir-outro entre as máscaras de papel –o rosto como afeto na/da imagem - que estão dispostas na estante em uma das salas da escola: a escola realiza uma síntese da convivência com a diversidade em que o rosto (máscaras, cabeças de monstros, esculturas de face) é enfileirado lado a lado, sendo singular, e assustadoramente difere do outro”. (VERNIN e PRIOLI, 2010. s/p.)

A diversidade, neste caso, poderia ser pensada como o adiamento das identidades conviverem. Nas prateleiras do desfile dos rostos, das máscaras, o currículo expressa-se em devir? Nas vertentes pós-estruturalistas, os estudos de imagem não apostam nos sujeitos e, sim, nos espaços vazios produzidos, possibilitando olhar para a abertura, para o devir. Não se pensa mais as fotografias como documentos, sendo a imagem um efeito de superfície e tal novidade sugere-nos a possibilidade do devir ilimitado.

É pela diferença, e não na convivência de um diverso que busca pelo ‘igual’, que o pensamento permite-se existir.

³ Para Gilles Deleuze (1996), o virtual não se refere a uma reconhecimento, e não fundaria, em si mesmo, uma realidade a ser (re)conhecida. O virtual existiria conquanto potência, nuvem de intensidades que rodeariam o atual.

Como um currículo pode sobreviver, adiando-se continuamente a ‘ser identidade’? Ao pensar os/com os sujeitos pelo “jogo da diferença, do devir, e não na órbita do idêntico, do mesmo, da permanência” (AUTOR, 2005, p.125), gerando transformações nas “maneiras de olhar e produzir imagens como recursos de construção de nossas experiências cotidianas e de nosso imaginário e não uma expressão que possa ser submetida à análise e interpretação, assumida como possível e verdadeira nas apresentações do cotidiano” (AUTOR, 2005, p.115).

A partir deste plano conceitual, há uma aposta na criação de escritas currículo, tendo a linguagem como efeitos de superfície. Esta profundidade e este preenchimento sempre insuficientes são o que, para Deleuze, torna possível a linguagem, como nascimento, como novidade, como devir ilimitado.

Sendo assim, o currículo encontra o meio, a passagem, o entre ‘devir e dobra’. O que está envolvido na subjetivação do currículo é o predicado, ou os atributos.

Se em Foucault, a subjetivação se faz por dobras, que expressam o serem-se unindo os pares vida-morte, memória esquecimento, temporalmente, por coextensividade, em Leibniz, as dobras ao infinito se comunicam por inflexão. O sujeito torna-se dobradura que só existe em seu envelope... Envelope-sujeito. (ROMAGUERA, 2009, p. 65/66).

O currículo vive envolto em conchas, sem portas nem janelas, habitante de casas barrocas em que acontecem múltiplas possibilidades, tanto de desenvolvimento, quanto de destruição. Vive dobrado infinitamente, em um universo leibniziano, porque “sempre consiste em dobrar, desdobrar, replicar” (DELEUZE, 1989, p. 177). 47 As dobras, podemos dizer, são a liberação das singularidades de vida da ‘forma’ sujeito.

Retomando os diferentes tipos de imagens com que Deleuze (2009) pensa o cinema – e, lembrando, com as quais penso o currículo-texto-escrita-vida – sua subjetividade delinea-se nos afetos, pois

não têm a individuação das personagens e das coisas, mas também não se confundem no indiferenciado do vazio. Têm singularidades que entram em conjunção virtual e constituem de cada vez uma entidade complexa. São como pontos de fusão, de ebulição, de condensação, de coagulação etc. (p. 160).

Esse encontro com Gilles Deleuze nos convida ao desvio da lógica representacional e suscita o gosto pelo acontecimento, assinala Alik Wunder (2009). Um acontecimento que foge ao que está dado pelos estados de coisas e, ao mesmo tempo, dado pelos enunciados. Deslizes, movimentos dispersivos, superficiais que privilegiam singularidades não individuais, que resistem ao jogo da comunicação reconhecimento que as máquinas imagens-pensamentos impõem.

O encontro com Gilles Deleuze mobiliza uma luta contra algo que seria próprio à imagem, qualquer fundamento e essência, qualquer transcendência. “Que potências brotariam dessa demolição? Fazer proliferar a vida e o pensamento em meio à demolição das estruturas, afirmando a abertura, a indeterminação, a impossibilidade de totalizações e substancializações” (WUNDER, 2009, p. 24).

É a proposta de pensar um currículo como signo no meio, num campo de forças e vetores da arte (em especial pelas imagens).

Um currículo que experimenta com palavras, imagens e sons é um plano de composição de heterogêneos, de díspares, de diferenças e de fendas; um olhar desde a superfície para o que se fratura e se desloca nessa superfície, muito mais rítmica e variante do que baseada na velocidade da síntese ou na proposta de superação e redefinição de polos em disputa.

Um plano que mantém juntos os fragmentos desconexos e disjuntivos, requerendo olhar sem os olhos, tatear sem a pele, dobrarem-se os mundos internos e externos que os clichês nos ensinam a com eles e dentro deles vivermos.

Intemezzo II - Dobra, papel. Dobra de papel. Papel vestimenta⁴.

Efêmera capa, voo do Super-Homem: doente, trágico e estilhaçado

Labirinto de linhas, panos, transparências e cores. Perdemos-nos no conhecimento, encontramos-nos na vida, pulsação vital, devir proliferante. Ariana, autora? Sim. A arte, Nietzsche, precisa deste Sim!

Morte afirmada. Morte do eu, humanista, essencial e negativo que se deseja (do) pela Educação.

Dilacer(ação). Ruptura dos cortes, daquilo que prende as dobras da vida, da escritavida-sensação.

Fragmentojunto. Juntado. Amassado. Corroído. Alinhavado. Empanado. Sufocado pela sobreposição. Dilacer(ação) transversa. As marcas na parede, machucada pelo atrito, feroz, dos objetos que se estilhaçam ou não. Parece desenhada pela violência.

A arte não pode ser recontada. A arte não é história. A arte não é narrativa. A arte não. É labirinto. É ferrugem. É cor. Some. É. É. *

* narra. * identifica. * corporifica. * quer uma casa. * nasce. Está num cortinado, bem ao centro, abençoado. * criança?

* como oceano, alisa as dobras da escritavida. Amnésia. * é o Não afirmativo, revés da tragédia dos estilhaços no chão da sala, e figura na parede atritada.

Currículo, palavras, imagens e criação

As composições de criação com palavras, imagens e narrativas para apresentar o currículo em um conjunto de pesquisas brasileiras têm sido a opção para encontrar – ainda se mantendo a possibilidade de a linguagem ser estrutural – o movimento de posições do sujeito outro que não cogito, consciente e autônomo. E este movimento é realizado, muitas vezes, visando à transformação social e à invenção de alternativas de garantir a presença da vida no mundo (cada vez mais se deslocando de ser ‘real’ e ‘concreto’). Ao invés de esquecer de categorias como a experiência e as subjetividades, o campo do currículo no Brasil trabalha com elas e procura seus outros possíveis; na minha apreciação, a partir dos estudos com as imagens e a literatura, dos estudos de cotidiano e aqueles realizados em diálogo com as filosofias das diferenças é que se tem alçado voos mais instigantes e promissores.

Tanto a experiência quanto as subjetividades organizam-se em um ‘patchwork’ cuja expressão transita por dimensionar as alternativas à vida delineando matizes para o sujeito extraído incorpórea e corporalmente. Matizar que foge da ideia da vida como existência, que nos remeteria à representação e ao princípio de exclusão que governa a individualidade. Matizar que participa de um jogo do sentido sem fazer a experiência da mobilidade de suas fronteiras. Matizar singularidade que se abre ao infinito dos predicados pelos quais ela passa, ao mesmo tempo que perde seu centro, isto é, sua identidade como conceito e como eu.

As singularidades ou potenciais frequentam a superfície. Tudo se passa na superfície de um cristal que não se desenvolve a não ser pelas bordas. Sem dúvida não é o mesmo que se dá com um organismo; este não cessa de se recolher em um espaço interior, como de se expandir no espaço exterior, de assimilar e de exteriorizar (DELEUZE, 2003, p.106).

4 Interlocução com a dissertação de Mestrado **Dilacer(ação) - Uma poética do aprender em arte** de Raquel Andrade Ferreira, orientada pelo Prof. Dr. Jarbas Santos Vieira (UFPel) e co-orientado pela Profa. Dra. Paola Zordan (UFRGS). O * é subjetivação criativa, invenção de estilo e predicação sem sujeito no texto de Raquel.

No currículo que vaga à superfície do cristal, sem se transformar em organismo, as membranas que conferem visibilidade ao contorno da vida (que pode ser em algumas pesquisas a vida no sujeito) são películas de filme, escritas de literatura, narrativas de fabulação, impressão fotográfica e a oralidade.

Penso que estamos em um momento de transição, nas teorizações do campo do currículo, entre a ideia de contexto, pertencimento e identidade cultural para a ideia de plano, diferimento e singularizações sem sujeito. E é certo de que esta transição é resultante de interferências de uma relação menos respaldada por dicotomias que a história e a geografia globais nos mostram e que são marcadas por posições hierarquicamente estabelecidas. O que se destaca, por exemplo, das invenções de linguagem em algumas pesquisas do campo curricular no Brasil, assim como a proposta da experimentação, os neologismos, são exemplo de uma não submissão linguística à estrutura com a qual vários sentidos não seriam construídos na relação imanente com o acontecimento.

Estaria este estilo no campo do 'interesse' da pesquisa educacional? Mais especificamente, pensar o campo do currículo com tais estilos prolifera quais jogos de significação? Poder-se-ia considerar política esta invenção de estilo, especialmente para a Educação? Por que retirar do sujeito humano a centralidade da representação, deixando espaço para seu desaparecimento acontecer?

O desejo é liberar por imagens, palavras e sons a virtualidade de um tipo de aprendizagem que faz do currículo o signo possível da violência do descompasso, da não-identificação e não-reconhecimento. Um currículo diagramático de forças, decepção da busca da interpretação objetiva.

Por essa força sígnica, o currículo é a terceira imagem, uma contração dos instantes sucessivos, uma contração tão traumática para a experiência que os presentes não sucederiam, não passariam, a não ser que se constituíssem simultaneamente em passado.

O currículo-texto-escrita-vida seria a terceira imagem que habita a ausência das palavras de esperança.

Quando faltam palavras de esperança, o tempo acelera e surge um desconforto da vida e da civilização naqueles momentos em que a relação entre o presente e o futuro se apresenta como um abismo. Quem ainda teria a coragem de lançar passarelas sobre o abismo? Quem terá o desejo de preencher o vazio que está diante de nós? (NEGRI, 2001, p. 13).

As imagens e os sons, nesse tipo de maquinação, entram carregados com vários dos sentidos que são de sua produção e de seus contextos de pertencimento, mas, por força da própria experimentação, são tomados por uma precipitação de se abrirem, de se tornarem ocas e vacuolares, de reverberarem o que não se escutou ainda ou o que, sequer, foi ainda pronunciado.

Intermezzo III – O violão

Filtros de papel que coaram café cobrem as caixas de presente, plásticos de frascos de xampu recortados formam coloridos mosaicos, potes de plástico podem virar suportes de luminárias e os pedacinhos de fios de metal que fecham as embalagens plásticas de pães de forma são dobrados e transformados em fechos das caixas de presente. Experiência da efemeridade no encontro entre estagiários de licenciatura em Biologia da Unicamp com o professor de Artes da escola pública de ensino noturno. Encontros de – formação.

A aula é a respeito de como transformar o desperdício em consumo, o que seria jogado fora pode se tornar um presente que se consome e que se iguala, na forma e apresentação, a objetos desejosos de compra localizados na vitrine de lojas de artigos para decoração da casa em um shopping center nem tão longe nem tão perto dali. O encontro é algo similar ao tempo **presente** que passa (em sua escala), ao passo que o efêmero conserva e conserva-se (na sua escala).

A escala de passagem e conservação é a escola, intercâmbio de tempo da imagem atual do presente que passa e a imagem virtual do passado que se conserva. Há um limite inassimilável entre o atual e o virtual – a aula; e o indiscernível entre essas duas dimensões do tempo – o violão, instrumento que o professor de Artes carrega para a sala de aula para acompanhar, musicalmente, as atividades de conservação ambiental que os estagiários de Biologia trabalharão com os estudantes do ensino médio. A diferenciação que entranha a emergência do presente desde o passado (e a do espaço desde a temporalidade) acabaria por formar parte dos mecanismos internos ao próprio passado e à memória.

A aula atualiza, distingue os dois aspectos do tempo, torna-se o objeto que implica indivíduos já constituídos, e determinações por pontos ordinários; embalagens de presentes conservam e evocam lembranças, geram uma percepção, uma “espécie de duplo imediato, consecutivo ou mesmo simultâneo” (DELEUZE, 1996, p. 53).

O violão forma uma individuação por pontos relevantes a serem determinados em cada caso. Neste instante, o caso da transformação do desperdício em presente. Neste instante, estriando o espaço sonoro da lembrança em qualidades do som, em altura e em medida da cristalização.

O violão é a troca perpétua entre o virtual e o atual; um cristal. Como objeto que não busca mais a singularização, é intercâmbio dos tempos da escola e de-formação de professores até que se tornem indiscerníveis, cada um apropriando-se do papel do outro.

Violão e aula encontram-se e proliferam acontecimentos imateriais, incorpóreos, invivíveis, o que escapa à própria atualização do que tudo acontece. Contrariamente ao estado das coisas, ele não começa e não acaba, mas ganhou ou guardou o movimento infinito ao qual dá consciência, que ‘me’ permite escrever este texto.

Nesse caso, escreve-se diretamente com o real de uma matéria não formada, ao mesmo tempo que esta matéria atravessa e tensiona a linguagem não formal em sua totalidade (...) Uma máquina revolucionária, tanto mais abstrata quanto é real. Um regime que não passa mais pelo significativo nem pelo subjetivo (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 229).

É na escrita que se busca agarrar a oportunidade, o momento importante, do acontecimento. A reserva que não para de sobreviver, em que buscamos a potência de resistir. Ato político, crítico e clínico da escrita que busca tirar a capa protetora do violão, e dedilha as suas cordas em atravessamentos disparadores para a experiência do efêmero.

Escrita que sai às pressas da escola, arranca-se pelo corredor e abre o grande portão de ferro, e chora. Chora os possíveis, molha as lembranças, recolhe das experiências um patchwork do mundo reciclado de fragmentos descartáveis e não cessa de continuar no menor tempo seguinte, que remete a uma mudança de direção. A escrita não olha, porque não quer figurar. A escrita busca incorpóreos que brotam em choro.

A escrita musicaliza-se violão. Musicalizar designa os devires de-formação, remetendo a espaços-tempos que mudam a cada vez. A cada lágrima e a cada espera de um retorno que difira na repetição, no mesmo toque do sinal: os professores é que trocam de sala, não os alunos! E pela porta da sala de aula entram estagiários, caixas de papelão, de leite pasteurizado, embalagens de xampu, filtros de papel secos e marcados pelo pó de café, violão, professor e vento.

Mas é interessante se a escrita por si mesma chega a dar esse sentimento de iminência, de algo que vai suceder ou acaba de passar nas nossas costas. Os nomes próprios designam forças, acontecimentos, movimentos e motivações, ventos, tufões, doenças, lugares e momentos, muito antes de designar pessoas (DELEUZE, 2008, p. 48).

A escrita designa as cordas, linhas musicais do violão, que não formam um contorno, e

são, por isso, mais belas. Linhas da mão que formam um mapa. Mãos que farão do resíduo um presente. Do desperdício, uma conservação. Do efêmero, uma experiência.

Acreditamos que as linhas são os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos. Por isso, cada coisa tem sua geografia, sua cartografia, seu diagrama. O que há de interessante, mesmo numa pessoa, são as linhas que a compõem, ou que ela compõe, que ela toma emprestado e ela cria (DELEUZE, 2008, p. 47).

O outro de-formação toma emprestada a intensidade do incorpóreo estagiários-professor-violão e com ela se cria no vento que bate a porta da sala de aula e se recolhe no presente vazado, interrompido; com coeficientes de sorte e de perigo apenas pode marcar caminhos e movimentos.

A intensidade do incorpóreo estagiários-professor-violão remete-nos à promessa da experiência de trabalhar com o novo: na educação, encontro dos que sabem com os que ainda não sabem: no tempo, a irrupção acontecimental do virtual que no presente, *passou, já era*: nas linhas das cordas do violão, a partitura rizomática do movimento, *um possível de multiplicidades*: na dureza da instituição escolar, o corredor e o portão que se abre, *diagrama-máquina de esquecimento*: ...

Currículo-imagem, escritas diagramáticas

O violão, síntese da experiência formativa dos estagiários de curso de formação de professores, constitui-se em um currículo-imagem, cujas articulações entre escrita e vida passam pelo virtual, uma potência que tem, portanto, uma realidade, mas não é necessariamente uma realidade representável.

Segundo Lopes (2005), com base na obra de um estudioso de Deleuze, John Rajchman (2000), o virtual

se dá por um sentido de acontecimento estranho a qualquer metafísica da forma ou do atributo. [...] O virtual se torna, portanto, essa potência estranha do singular e da série, que “subsiste” e “insiste” em nossas vidas e nossas maneiras de ser, sem se efetuar definitivamente em nenhum lugar. Ele exige então uma inteligência e uma lógica nas quais as “implicações” se tornem potências complicadas, as ‘disjunções’ se tornem inconclusas, e as “conjunções” passem por outro lado que não nas identidades. (p. 398)

O que conta no virtual não é o pobre conteúdo, porém a louca energia captada prestes a explodir, que faz com que as imagens, as escritas e a vida encerrada em um tipo de aprisionamento orgânico ou de categorias representacionais nunca durem por muito tempo. Elas se confundem com a denotação, a combustão, a dissipação de sua energia condensada captam todo o possível para fazê-lo explodir. (PELBART, 2010, p. 35)

São currículo-texto-escrita-vida sonhos? Creio que não, pois essas ainda requerem um sujeito, estruturado por um inconsciente.

São criações conjugadas virtualmente, que não dependem do movimento do sujeito, seja inconsciente ou consciente, do conhecimento ou da ação.

Nem marcas, nem cicatrizes, pois trazem a visibilidade da superfície dos corpos e seus expressos pensamentos. E, desta forma, recairíamos em uma imagem do currículo-texto-escrita-vida e nela apostaríamos a vida brotar, pelo meio.

O movimento entre o currículo-texto-escrita-vida ao encontro do currículo-imagem passa pelo pensar, tentar, experimentar o virtual, é portanto sempre pensar de outro modo. “Mas,

somos ainda capazes desse tipo de inteligência, dessa experiência do virtual? [...] Em outras palavras: podemos virtualizar esse mundo no mesmo momento em que ele se dá como necessidade, ou até como condicionamento futurista ou desrealização generalizada?” (RACHMAN, 2000. p. 399)

O currículo-imagem não é o figurativo, o contraste dentro e fora da fotografia, ou a imaginação que reestrutura a matéria do pensamento. Creio que estamos mais próximos a um vazio entre excitação perceptiva e a resposta sensorial-sensível.

O que provoca a força criadora na matéria em linhas de um currículo-texto-escrita-vida com imagens? As imagens, neste jogo, responderiam à figurativa presença dos modos de existência possíveis de serem representados.

E se pensarmos que as imagens estão mais próximas a uma membrana, que separa e também conjura, um interior sempre mais profundo, da ordem da memória, e um exterior cada vez mais longínquo, da ordem da lembrança e do esquecimento.

A imagem agiria, desse modo, muito mais próxima a um diagrama, relacionado ao local de proximidade máxima da experiência, configurando um certo tipo de mapa voltado para a experimentação ancorada no real, segundo Deleuze e Guattari (1995).

Esboçaria um plano de imanência ou de consistência - e não é um plano no sentido de desígnio no espírito, projeto, programa. É um plano no sentido geométrico, secção, intersecção, diagrama. Instalar-se nesse plano; e isso implica um modo de vida, uma maneira de viver. Que é esse plano, e como o construiremos?

Pelo que expus neste texto, a experimentação com um currículo-texto-escrita-vida é posta por interferências mútuas entre conceitos e vida. Proliferando diagramas. Diz respeito à condução de forças, empíricas e transcendentais, imanentes ao pensamento que uma linha territorial produz.

O convite é para investir conceitual e vitalmente no diagrama não com a “função de representar, mesmo qualquer coisa real, mas de construir um real ainda por vir, um novo tipo de realidade, colocado antes da história, na medida em que constitui pontos de criação ou de potencialidade” (BASBAUM, 2015. p. 77).

Se for para produzir sujeitos, que um currículo-texto-escrita-vida seja diagrama do *outro* povo, a vida a ser liberada tanto pela refundação da terra e pelos movimentos nômades de a deixar florescer, que pense o espaço fora das instituições estatais que todo território comporta, criando incógnitas, *x, y, z*, para avançar nesse espaço.

Este *outro* povo, a-subjetivo e sem individuação, ganha seu vitalismo na escrita, máquina à qual o capitalismo dá pouco destaque ou até mesmo tem o desprezo da inutilidade. Assim, a arte de escrever é uma tentativa de libertar a vida daquilo que a aprisiona, é a possibilidade de construir saídas das prisões existenciais, é também um liberar novas potências de agir, tendo que enfrentar o paradoxo “do ato de tornar visível o invisível, tornar audível o inaudível, tornar dizível o indizível – ou, para formular essa ideia em toda a sua abrangência, tornar pensável o impensável” (MACHADO, 2011, p.221).

Um currículo-texto-escrita-vida que é germen deste outro povo, criancero e acontecimento, expande-se por diagramas, que são combinações visuais especiais envolvendo palavras, sons e imagens. Têm um papel singular: indicar o duplo movimento das forças do pensamento e da matéria, como um dispositivo para a produção de transformações.

Um currículo-texto-escrita-vida que “se escreve sempre para dar a vida, para libertar a vida aí onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga” (DELEUZE, 2008, p. 180).

Um currículo-texto-escrita-vida que brote com um vitalismo diagramático que exerça o importante papel de conectar, mediar, relacionar, associar, não de uma forma passiva, e, sim, de modo dinâmico, agindo sobre matérias que se revestem de heterogeneidade, indicando e construindo regiões de contato.

Diagramas-escrita, currículos em imagens, que nada impõem, nem forma, nem expressão, nem figuração, a uma matéria vivida.

Referências

BASBAUM, Ricardo. Diagramação e processos de transformação. In: CRUZ, Jorge; COSTA, Cláudio (org.) **Gilles Deleuze: sentidos e expressões**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006, p. 65-92.

CORAZZA, S. M. O drama do currículo: pesquisa e vitalismo de criação. Em **ANPEd (Ed.) ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9. GT Educação e Arte**. (15 pp.) Universidade de Caxias do Sul, Brasil. 2012. recuperado de <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/view/128/786>. Acesso em 10 de dezembro de 2019.

CORAZZA, Sandra Mara. Inventário de procedimentos didáticos de tradução: teoria, prática e método de pesquisa. **Revista Brasileira de Educação**. v. 23 e230032 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782018230032>. Acesso em 10 de dezembro de 2019.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia** (tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa). v. 5. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. O atual e o virtual. In: ALLIEZ, Eric. **Deleuze, filosofia virtual**. (tradução de Heloisa B. S. Rocha). São Paulo: Ed. 34, 1996. p. 47-58.

_____. **Lógica do sentido** (trad. Luiz Roberto Salinas Fortes). 4.ed., 2.reimpressão. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

_____. **Conversações - 1972-1990**. (trad. Peter Pál Pelbart). 1ª edição, 7ª reimpressão. São Paulo: Ed. 34, 2008.

_____. **A Imagem-Movimento. Cinema 1**. (trad. Sousa Dias). 2ª ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 2009.

_____. **Crítica e clínica**. 2.ed. (Trad. Peter Pál Pelbart). São Paulo, Brasil: Ed. 34. 2011.

LAPOUJADE, David. **Os movimentos aberrantes**. (Trad. Laymert Garcia dos Santos). São Paulo, Brasil: N-1 Edições. 2015.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias De Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

LOPES, Eduardo Simonini. A realidade do virtual.. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 96-112, jun. 2005.

MACHADO, R. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro, Brasil: Record. 2011.

NEGRI, Toni. **Exílio** (trad. Renata Cordeiro). São Paulo: Iluminuras, 2001.

PERBALT, Peter Pál. **Imagens do (nosso) tempo**. São Paulo: Hedra, 2010, v. 1, p. 29-42.

RAJCHMAN, John (2000). Existe uma inteligência do virtual? In: ALLIEZ, Eric Alliez. (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. (p. 397-413). Rio de Janeiro: Ed. 34.

ROMAGUERA, Alda. **bio/arte, bio/política: por uma vida singular...** Texto de Exame de Qualificação de Doutorado. Unicamp/Campinas: Programa de Pós-Graduação em Educação, 2009. 105p.

SILVA, Cintia Vieira **Corpo e pensamento: alianças conceituais entre Deleuze e Espinosa**. 273 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Estadual de Campinas). Campinas, Brasil. 2007.

TADEU, Tomaz Tadeu, A Arte do Encontro e da Composição: Spinoza + currículo + Deleuze. **Educação & Realidade**. v. 27, n. 2 (2002). 47-57.

TADEU, Tomaz Tadeu; CORAZZA, Sandra Mara; ZORDAN, Paola. 2004. **Linhas de Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VERNIN, Laura R.S., PRIOLI, João Paulo. Título (26 de novembro, 2009). **Jornal Educação & Imagem**. Ano III, n. 19, abril/2010.

WUNDER, Alik. Fotografia, literatura e a poética do acontecimento. **Relatório Final de Atividades desenvolvidas no Programa de Pós-Doutorado Júnior (CNPq)**. Unicamp/Campinas: Faculdade de Educação, 2009. 79p.

Recebido em 20 de fevereiro de 2020.

Aceito em 26 de fevereiro de 2020.